



XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA-2024

MESTRE ASA FILHO: A VOZ QUE ECOA TRADIÇÃO

Marlete Marculino Novaes Barros¹; Maria Cláudia Silva do Carmo²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
marletemnb@gmail.com

2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mescarmo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: narrativas; memória; tradição.

INTRODUÇÃO

A pesquisa “Mestre Asa Filho: a voz que ecoa tradição” é oriunda da bolsa de Iniciação Científica (IC), (FAPESB/2023–2024), edital 2023/2024, a qual integra a pesquisa Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia, desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais/GEPOO, do Departamento de Educação - UEFS.

A partir dessa premissa surgiu o questionamento: Como o mestre Asa Filho se constituiu e se constitui em uma voz que ecoa a tradição? Desse modo, a pergunta norteadora emerge das reflexões sobre saberes populares da tradição e das oralidades.

Assim, a referida pesquisa objetivou compreender as narrativas da tradição oral a partir da história de vida do mestre Asa Filho, enquanto uma voz que ecoa tradição, identificando os saberes populares e caracterizando-os na constituição do repertório cultural memorialístico do mestre Asa Filho e, por fim, analisando como o referido mestre se constituiu em uma voz que ecoa tradição.

Nessa perspectiva, a partir das narrativas do Mestre Asa, entende-se como esta potência, dos mestres e mestras da tradição, corre sérios riscos, uma perda para a humanidade, visto sua importância para a perpetuação de saberes. Já que as histórias mobilizam conhecimentos populares e culturais, além de estimular a memória de quem conta e, consequentemente, de quem ouve, fazendo surgir novos guardiões da tradição. Segundo a professora e pesquisadora das poéticas orais Edil Costa (2015, p.06) “o papel dos narradores tradicionais é o de interpretação e recriação da memória ancestral que herdaram e, a seu modo, preservam”. Nesse sentido, a tradição oral mantém-se viva mediante os narradores tradicionais.

Amadou Hampâté Bâ (2010), estudioso africano do campo da oralidade, acredita que os mestres são personagens importantes, os quais são referências na tradição oral e são mantenedores da cultura e história do seu povo. Inspirada nos estudos de registro de livros e arquivos, a circulação do conhecimento quem garante é o seu povo, passando de geração a geração a palavra. Segundo Hampâté Bâ (2010, p. 168)

Nas sociedades orais, não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá, onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é.

Nesse sentido, a figura do Mestre Asa Filho, esse artista que enriquece os saberes populares, a tradição oral, fomentador da cultura popular, que movimenta a diversidade cultural de Feira de Santana e do distrito de Tiquaruçú, é protagonista dessa pesquisa. Mestre da tradição, que faz circular saberes em forma de contos e cantos “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrado é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (Benjamin, 1994, p. 221). Dessa forma, as narrativas que o mestre Asa nos conta, são enriquecidas pela trama das canções, cantigas e cantos. Quem as ouve é atravessado pela singularidade dessa rede de significações criada pelas histórias

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

No processo de desenvolvimento desta pesquisa foram valorizadas as narrativas que o mestre da cultura popular, Asa Filho, apresentou e seus significados. Nessa perspectiva, trilhamos os caminhos da abordagem qualitativa de pesquisa. Deste modo, o plano de trabalho articulou-se com a pesquisa “Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia” os caminhos metodológicos foram conduzidos e fundamentados na abordagem qualitativa e inspirou-se na perspectiva (auto) biográfica com os seguintes dispositivos: entrevista narrativa e diário de campo.

Nesse sentido, a entrevista narrativa, característico dos estudos autobiográficos, orientou as etapas e procedimentos realizados a partir da necessidade de ouvir, compreender e aprender com as experiências de vida justamente pela possibilidade e diversidade de acessar mundos individuais e coletivos por meio dos seus modos próprios de narrar e dar sentido às experiências. Ao narrar suas histórias e tecer redes de significação de suas experiências, os narradores conseguem produzir um “conhecimento de si” (Souza, 2006). Assim, nas entrevistas narrativas, pôde-se observar uma característica significativa de colaboração, já que a história surge da interação, da discussão e do diálogo entre o entrevistador e o narrador. A oralidade transforma o passado e ressignifica experiências vividas, revelando também o contexto histórico individual pelas narrativas dos mestres. Nesse sentido, a entrevista narrativa fundamenta-se na construção da história e na projeção do futuro, pois ao revisitá fatos passados, proporciona novas possibilidades e perspectivas. Enquanto dispositivo de pesquisa, a entrevista narrativa promove a construção de novas percepções e questionamentos, instigando tanto o narrador quanto o ouvinte a repensar suas experiências e realidade. Portanto, a abordagem narrativa permite uma análise mais aprofundada da experiência do narrador, fundamental para a construção de uma memória coletiva, pois a “memória coletiva não é um depósito estático, mas um processo dinâmico de construção e reconstrução contínua.” (Halbwachs, 1990, p. 123). Vale ressaltar que os relatos são valiosos por trazerem informações que não estão presentes em documentos escritos.

O diário de campo é um dispositivo de pesquisa que permite sistematizar as experiências para posteriormente analisar os resultados segundo Lewgoy e Arruda (2006), o diário consiste em um dispositivo capaz de possibilitar “o exercício acadêmico na busca da identidade profissional” à medida que, por meio de aproximações sucessivas e críticas, pode-se realizar uma “reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios” (Lewgoy e Arruda, 2006, p. 123 e 124). Para Oliveira o diário de campo apresenta “caráter descritivo-analítico”, de cunho “investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas”, constituindo-se de “uma fonte inesgotável de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento profissional e do agir por registros quantitativos e qualitativos.” (Oliveira, 2004, p. 123–124).

Para tanto, o dispositivo, diário de campo, permitiu o registro pessoal, composta das diversas impressões, que no processo de entrevista envolve muitas sutilezas, como a sua atuação com corpo e a voz do narrador, gestos, risos e outros elementos ajudam a criar uma compreensão mais ampla do que está a ser dito. Oliveira (2014) ressalta a relevância do uso do diário como forma de registro, mesmo diante de entrevistas gravadas, uma vez que o diário consegue captar aspectos sutis que poderiam passar despercebidos na transcrição da entrevista, como, por exemplo, a percepção de nuances de expressões emocionais. A atenção do pesquisador à sua própria experiência e ao comportamento dos participantes é considerada uma fonte valiosa de pesquisa (Kastrup, 2012). Ao descrever os processos observados e relatar as impressões do pesquisador, a escrita do diário de campo pode incluir registros que acompanhem o fluxo da atenção do pesquisador em relação aos fenômenos investigados.

A pesquisa, a saber: autobiográfica, investiga não apenas a compreensão de história de vida, mas também a análise de diferentes elementos que compõem uma identidade. Todos os aspectos presentes nessa análise são fundamentais, tanto os explícitos quanto os implícitos, para compreender o que está sendo narrado. É crucial refletir sobre o processo de pesquisa autobiográfica, considerando a construção da memória do narrador. Pois ao visitar suas lembranças, “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (Moita, 1995, p. 113).

As entrevistas, gravadas em áudio e vídeo, foram transcritas com atenção especial ao repertório do mestre da tradição. A transcrição da entrevista narrativa, por sua vez, exige uma análise minuciosa, sendo compreendida como dispositivo que permite ao pesquisador acessar a realidade vivenciada pelos sujeitos em suas práticas, investigando as diversas vozes presentes em seu desenvolvimento. A transcrição, portanto, tão crucial quanto as outras etapas da pesquisa, demanda cuidado no tratamento da literatura oral e no reconhecimento da identidade do mestre como narrador, buscando potencializar o texto escrito com a riqueza de seu arcabouço narrativo-poético.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A pesquisa resultou na produção de material audiovisual, transcrições das entrevistas e estará disponível para consulta pública no site do GEPPÓ, constituindo um potente acervo da tradição oral baiana e um potente recurso para pesquisadores e

educadores.

Dessa forma, os resultados evidenciam a relevância social, cultural e acadêmica ao tratar dos conhecimentos populares e culturais no intercâmbio de saberes dos mestres com novas gerações, fundamental na transmissão de saberes e valores, fomentando e fortalecendo compartilhamento da tradição e a resistência da cultura popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A trajetória de Asa Filho como mestre do Reisado e contador de histórias nos revela a grande importância da preservação das culturas populares, personifica a figura do narrador benjaminiano, a saber: aquele que transmite saberes e experiências mediante a palavra. Ao ressignificar histórias e tradições, ele contribui para a manutenção da diversidade cultural e para a resistência às formas de homogeneização cultural. A narrativa oral, como prática cultural ancestral, desempenha um papel fundamental na construção da identidade de um povo e na transmissão de valores e conhecimentos de geração em geração.

A obra de Asa Filho, portanto, é um testemunho do valor insubstituível da cultura popular e um chamado para a valorização e o incentivo às práticas culturais tradicionais.

REFERÊNCIAS

ASA FILHO, *Apelos e canções/* Asa Filho. — Feira de Santana, Ba: Edson Machado Editor, 2010. 113 p:il.

HAMPÂTÉ BÂ, A. Tradição viva. As características da cultura tradicional africana, suas multiplas facetas, a oralidade, mitologia, religiosidade e formas de expressão. In: *Introdução à Cultura Africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENITES, L. F. R. Veredas do pertencimento ao Povo do Gerais: roça, religião e mobilização étnica em movimento. *Estudos, Sociedade e Agricultura*, v. 27, n. 1, p. 167–184, fev. 2019.

BENJAMIN, W. *O narrador:* considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, E. S. *Tradições orais e afrodescendência.* In: *Sete estudos de literatura e cultura popular*. Salvador: EDUNEB, 2016, p. 49 –78.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva.* Trad. De Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

KASTRUP, V. (2012). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.). *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 32–51). Porto Alegre: Sulina.

LEWGOY, A. M. B., & ARRUDA, M. P. de. (2006). Da Escrita Linear à Escrita Digital: Atravessamentos Profissionais. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 2(1), 1–10. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/955>

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In NÓVOA, A. *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, R. D. C. M. (2014). (Entre) Linhas de uma pesquisa: O Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 2(4), 69-87. Recuperado de: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059/730>

SOUZA, E. C. de. *Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido*. Revista Educação UFSM, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85–104, jan./abr. 2014.